

DEMO, Pedro. *Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades*.  
São Paulo: Atlas, 2009.

Acir Mário Karwoski\*  
Julio Cesar Oliveira Bernardo\*\*

Pedro Demo, autor da obra resenhada, é professor titular aposentado do Departamento de Sociologia e Professor emérito da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Sociologia pela Universidade de Saarbrücke, na Alemanha (1971). Pós-doutor pela *University of California at Los Angeles* (UCLA). Autor de mais de 80 livros em menos de quatro décadas de intensa produção intelectual acadêmica. As principais áreas do conhecimento são Sociologia, Metodologia Científica e Educação.

Intitulado *Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades*, o livro contém 137 páginas, divididas entre seis capítulos, conclusão e uma extensa bibliografia. Demo, logo na introdução, já se propõe, inserindo-se no cenário educacional atual, discorrer sobre os novos desafios do “aprender bem”, dimensionando as transformações por que todos passam nos ambientes tecnológico-educacionais e seus respectivos atores.

No primeiro capítulo, “Expectativas: euforias e vazios”, o autor inicia sua reflexão a partir de uma menção ao Gênesis, fazendo uma analogia com a busca do conhecimento, situando a relação Criador x auto-criação no contexto das transformações ocorridas na humanidade, sobretudo quanto ao desenvolvimento e à criação das novas tecnologias. O autor menciona a relação *sui generis* que temos com a tecnologia, que considera fator decisivo de mudança por ser simultaneamente resultado e pro-

---

\*Doutor em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Professor adjunto no curso de Letras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) – Uberaba – MG. E-mail: acirmario@letras.uftm.edu.br

\*\*Licenciado em Letras. Professor da Educação Básica. Especialista em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa. Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) – Uberaba – MG. E-mail: juliobernar78@hotmail.com

motora de transformação. Destaca, nessa questão, a habilidade humana de adquirir autonomia e de se autocriar. Diante desse processo de evolução, conclama as instituições educacionais e a pedagogia para se reverem e se reencontrarem no universo de inovações tecnológicas trazidas pelas novas eras. Sobre o contexto da aprendizagem na era digital, Demo faz um paralelo entre a euforia e os vazios, apontando exageros, ingenuidades e equívocos com concepções e métodos, reconhecendo êxitos nos caminhos da *e-learning*, mas também enumerando as frustrações e os desacertos em detrimento de um contexto de gestão neoliberal, desalinhado no que tange à gestão de informações e conhecimento. Demo aponta um hiato ainda vigente entre a pedagogia e as novas tecnologias, evidenciando a distância geracional ainda existente (p. 13). O autor torna claro que o aprender bem deve estar associado à responsabilidade social e pedagógica e ao compromisso humanista, reiterando que as tecnologias vieram para ficar e somar, não havendo condições de ignorá-las, e salienta que o próprio ser humano é um advento tecnológico da natureza, “uma prótese inventada no processo evolucionário” (p. 14).

No segundo capítulo, “Promessas da Aprendizagem Virtual: expectativas sobre a *Web 2.0*”, o autor evidencia o caráter de coprodução dos novos ou revitalizados ambientes da *Web 2.0*, frisando não como um processo perfeito, mas como um processo permeado de interatividade, com mais oportunidades de participação e acesso, aproximando-se mais, dessa forma, de processos mais eficazes de ensino e de aprendizagem. Demo leva em consideração que a autorreferência é, conforme a ideia de Foucault (2004), a reserva mais direta da originalidade do pensamento por ressaltar o papel da subjetividade, considerada expressão tipicamente individual, irrepitível (p. 18).

O autor enfatiza a necessidade de docentes e discentes se interrelacionarem nas teias da reconstrução e da reinterpretação na autonomia do discurso que é, segundo o próprio autor, um processo contínuo na gestão do conhecimento. “No campo do conhecimento, a interpretação inter e multicultural é a regra” (p. 19).

No campo das autorias virtuais, o autor exemplifica como um ambiente de autoria coletiva tal como a Wikipédia, que se encontra aberto à discussão interminavelmente, é fundado na autoridade do argumento compartilhado, no qual o autor se configura como um distribuidor de ideias sem apropriação individualista, “torna-se claro que nenhum texto

pode ser tomado como final ou como autoridade definitiva. Todos ficam em andamento, abertos a novas evoluções” (p. 16). O autor deixa claro que não há autoridade absoluta no ambiente virtual, o que evidentemente favorece o processo de autorias coletivas, explicita que o talento individual não deve ser reprimido em prol do coletivo, mas afirma que a coletividade complementa e corrobora a construção melhorada da cidadania. O autor alerta ainda para o caráter ambíguo do mundo virtual, enfatizando a necessidade do bom senso crítico sobre a dualidade de conteúdos da *Web* (p. 25).

Com muita propriedade, o autor afirma aos leitores, dirigindo-se em especial aos leitores-professores, que, nesses novos ambientes de aprendizagem, é bem mais prudente apresentar-se como parceiro mais experimentado do que como dono prepotente e disciplinar do saber. Os novos ambientes da *Web 2.0* vão, segundo Demo, muito além do construtivismo, não podendo ser considerada numa única teoria justamente por sua natureza pluriparticipativa e interacional. Diante desse pensamento, afirma que o construtivismo não está superado, mas precisa ser desconstruído e reconstruído – sina de toda teoria importante (p. 34). Quanto ao *design* de aprendizagem, o autor enaltece o desafio de construir ambientes de aprendizagem centrados na qualidade da aprendizagem, evitando-se dar mais importância a procedimentos e categorias do que em resultados e registra que esses ambientes facultem autoria e autonomia em contextos de interação irrestrita. Demo enumera algumas dinâmicas sugestivas no *design* da aprendizagem, alertando que não se incida em simples cartilhas, mas que sejam focadas sobretudo na interatividade e no compartilhamento progressivo da aprendizagem.

O autor encerra suas reflexões no capítulo apresentando, em boa hora, a necessidade urgente da revisão dos conceitos (e, por que não, atitudes) entre “cursos presenciais e não presenciais”, visto que devem atuar mesclados, transparecendo, portanto, o obsolescimento do termo “educação a distância” (p. 36), pois possibilita a analogia de distância com ausência – abandono, o que não combina para resultados com qualidade na aprendizagem social.

No terceiro capítulo, “*Web 2.0* e suas Ferramentas”, Demo inicialmente apresenta uma discussão fecunda sobre as propriedades pedagógicas da *Web 2.0*, associando pedagogia e tecnologia em prol do desafio de aprender bem, do desafio formativo em si. Antes de discorrer sobre as ferramen-

tas da *Web 2.0*, alerta para equívocos comumente relacionados ao abuso de meios via imagem, dando como exemplo aulas apenas e meramente reproduzidas em vídeo e videoconferência, que, segundo o autor, quase sempre constituem recursos limitados e frios (p. 38). Em seguida, o autor traz uma lista de ferramentas da *Web 2.0*: blogs, wikis, podcasts, e-portfólios, social networking, social bookmaking, photo sharing, Second Life, online forums, vídeo messaging, e-books, instant messaging, Skype, games, mashups, mobile learning, RSS feeds, YouTube e audiographics (p. 38). Sobre cada uma delas, Demo apresenta as peculiaridades funcionais, evidenciando fatores relevantes para os processos de construção de conhecimento e aprendizagem em geral. Demo deixa claro que várias outras ferramentas da *Web* são criadas a cada dia e notifica que o uso adequado de cada uma delas deve ser fruto de atitudes pedagogicamente viáveis e conscientes.

No quarto capítulo, “Desafios Pedagógicos”, Demo menciona o que a *Web 2.0* pode fazer para turbinar a pedagogia com um novo contexto de aprendizagem, infinitamente mais dinâmico, diversificado e pós-moderno. O autor, no entanto, enumera alguns problemas frente à nova era de aprendizagem. Nos problemas relativos aos discentes, por exemplo, Demo levanta a condição de o estudante dispor de pouco tempo ou não se sentir à vontade perante o computador, sobretudo os estudantes mais maduros. Demo critica também a pseudoflexibilidade nos cursos ditos “a distância”, que podem inibir o complexo do aprender. Por outro lado, o autor cita o *e-portfólio* como ferramenta viável na formação da autonomia da aprendizagem. No que tange aos professores, o autor menciona quatro problemas no desafio pedagógico: a carga horária de trabalho exacerbada, a promoção profissional, a corriqueira falta de intimidade e de fluência tecnológica e a resistência quanto à propriedade intelectual, numa nova esfera de contextos de autorias diferenciadas e colaborativas (p. 59). Quanto aos problemas institucionais ante a nova pedagogia, o autor levanta atitudes de gestão e concepção pedagógica num todo. Deixa claro que o complexo instituição do saber e do aprender precisa passar por urgentes transformações, ocasião em que o desafio pode se resumir em “aprender bem”, com ousadias e quebra de paradigmas. Demo, no entanto, mira o equilíbrio. “Há que se evitar tanto o especialista em generalidades, quanto o idiota especializado” (p. 62)

No quinto capítulo, “Aprendizagem virtual e *design* de Curso”, o autor analisa características da aprendizagem virtual, discorrendo sobre as

referências que continuam importantes, as referências que se romperam, as novidades nos processos de aprendizagem e ainda levanta hipóteses sobre a alfabetização virtual, levando-se em consideração sua complexidade em si. Demo relembra algumas referências teóricas anteriores que ainda persistem como marcas fundamentais do estudo e da formação. Cita, por exemplo, o uso da “zona de desenvolvimento proximal”, de Vygotsky, nas plataformas da *Web 2.0*, principalmente em relação a jogos eletrônicos. O autor menciona também reflexões pertinentes de Piaget, cujas ideias apostam no envolvimento do estudante e entendem aprendizagem como dinâmica também afetiva que são de grande fecundidade nos neociberespaços. Além disso, valoriza a pesquisa – com princípio educativo – que leva o aluno a se formar melhor (p. 68).

Na segunda seção desse capítulo, “5.2 referências que se quebram”, Demo, de maneira muito peculiar e, talvez, no momento mais “polêmico” da obra, faz consideráveis críticas à acepção comum da didática e à apresentação extensiva de conteúdos. Define como “risco” falar de “arte de ensinar”, visto que, segundo ele, é termo carregado de autoritarismo e instrucionismo. Ainda nessa seção, o autor traz para a discussão a polêmica da “disciplina”, definindo esse termo como amplamente medieval e autoritário (*sic*) (p. 71). Apesar de bem citar que na vida precisamos de disciplina e de limites, o autor talvez se perca ou exagere ou queira fazer uma provocação nesse quesito (disciplina) quando afirma que “a noção docente de que o aluno só aprende escutando aula tornou-se velharia infame, porque não passa de tática disfarçada de controle disciplinar” (p. 72). Na sequência, o autor enumera algumas novidades para a nova era cibernética, tais como o advento da *Web 2.0* com as novas constatações de autorias possíveis, a motivação virtual, sobretudo das crianças com novos rumos pedagógicos, inclusive as “novas alfabetizações”, os textos multimodais e os procedimentos aparentemente informais que inovam para o caminho da (in)formação.

Demo, posteriormente, propõe-se discutir como poderia ser o *design* de um curso “novo”, devidamente fundamentado em pedagogia e tecnologia ditas “corretas”. Demo apresenta três cenários de cursos, sendo o primeiro predominantemente de presença física, não maçante, diluído entre conteúdo, pesquisa prática, orientação e avaliação; o segundo cenário seria predominantemente de presença virtual, constituído por momentos presenciais, alternados e espaçados, diluídos entre pesquisas,

apresentações e uso de plataformas da *Web 2.0*; o terceiro cenário de curso seria com a mesma proporção de presença física e virtual, caracterizado pelo uso intensivo de plataformas que fomentam a autoria, a pesquisa e a participação virtual, eliminando-se aqui o termo “educação a distância”. Em seguida, finalizando esse capítulo, o autor levanta hipóteses sobre alfabetização virtual, apresentando com peculiaridades fases de aprimoramento no que tange à aprendizagem infantil, do aprender a mexer no computador à entrada no mundo acadêmico virtual, formal, com estrutura metodológica. O autor ressalta, no entanto, os perigos e os cuidados necessários na exploração da *Web*, deixando explícita a necessidade do uso crítico e responsável do bom senso pedagógico.

No capítulo seis, “Pedagogia do aprender bem”, o autor traça dois desafios para o futuro da pedagogia em termos de aprendizagem: ser “pedagogicamente correta” e ser “tecnologicamente correta”. No desafio de ser “pedagogicamente correta”, Demo retoma a maiêutica pela necessidade de se primar por relacionamentos emancipatórios. Relaciona a essa “inovação” Paulo Freire e sua politicidade, que distinguia entre o tipo de influência que promove a emancipação e outra que a impede. Nesse novo despertar pedagógico, fica visível para o autor o desafio da nova concepção de autoria na autonomia de reconstruir e reinterpretar, tornando ambiente propício para aprendizagem aquele em que o aluno se torna o centro das atenções, cabendo ao professor se firmar como promotor dessa transformação com ações construtivistas e primando pela interatividade real e concreta no processo da aprendizagem.

No desafio de ser “tecnologicamente correta”, Demo deixa claro que tecnologia é muito mais que meio ou simples recurso, pois representa um novo horizonte de aprendizagem virtual, sendo, de fato, possível aprender bem, desde que existam condições adequadas, inclusive a aprendizagem do próprio professor (p. 98). O autor infere que os meios tecnológicos podem constituir sedução para a aprendizagem com qualidade e nos apresenta as “novas alfabetizações”, sinalizando-as como um conjunto distinto de novas outras habilidades e competências, comparando as “mentalidades” – percepções sociais de ensino/aprendizagem, sendo uma mentalidade tradicional, ultrapassada e “moderna” (*sic*) e a outra, “pós-moderna”, essa mais solidária, coletiva e política, com mais chances de formação (p. 100). O autor ratifica que o palco privilegiado da aprendizagem virtual, em termos tecnológicos, é a *Web 2.0*, tratando-se da nova

mentalidade, burilada na forja da autoria, como exemplifica com as plataformas *blog* e *wiki*, que tonificou os novos sentidos de autoria.

Quanto ao professor, Demo relembra a ainda presente e notória dificuldade de muitos profissionais em lidar com as novas tecnologias, por questões de uso, domínio e inclusive econômicas. O autor salienta que, portanto, o professor precisa continuar estudando a vida toda, precisa ser exemplo maior para os estudantes, precisa ser literalmente “eterno aprendiz” (p. 109). Demo enfatiza que, nos tempos do século XXI, a marca maior do professor será a autoria, cabendo à sua essencialidade um olhar crítico e pesquisador sobre o mundo tecnológico, porque só se pode questionar bem o que se conhece por dentro. Com função maiêutica e auto-poiética, cabe também ao professor humanizar as tecnologias, fazendo delas alavancas de cidadania, depuradas do assédio do mercado, com a qualidade imprescindível que essas novas relações requerem.

Na conclusão, Demo enfatiza que a aprendizagem virtual já se impõe sobre os métodos tradicionais, sendo isso auspicioso momento de transformação da pedagogia. Alerta para a necessidade simultânea da participação do professor nesse desafio, conclamando todos os pedagogos a serem autores inequívocos para poderem fazer de cada aluno um autor.

Constatamos que o legado dessa obra de Pedro Demo é o espírito de transformação. Compilação crítica e perspicaz de uma extensa e pertinente bibliografia, aliada às suas peculiares reflexões, Demo provoca o leitor em diversos momentos. Entre a arrogância e a sabedoria, no estilo “bate e sopra”, o autor deixa claro que as novas tecnologias vieram para ficar, para transpor as montanhas da tradição e da mesmice. Esse livro é, no mínimo, instigante. Destina-se a qualquer leitor interessado no assunto, mas o público-alvo é o professor. Para alguns, constituir-se-á em uma grande interrogação frente aos novos conceitos do educar; para outros, uma imensurável resposta.

**Recebido:** 12/07/2010  
**Aprovado:** 23/05/2011

**Contato:**  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
CEA/UFTM  
Avenida Frei Paulino, 30  
Abadia  
CEP 38025-180  
Uberaba, MG  
Brasil